

Banqueiros prevêem posição mais dura do Brasil sobre dívida

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O resultado das eleições municipais no Brasil foi recebido de três maneiras distintas nos Estados Unidos, variando segundo as características dos setores interessados. Os executivos das grandes corporações multinacionais ficaram apreensivos, tentando interpretar seus efeitos no ano que vem, quando será eleito o novo Presidente da República. Os banqueiros já se preparam para sofrer pressões no sentido de serem mais flexíveis em relação à dívida externa brasileira que, imaginam, será o grande tema da disputa presidencial. E o Governo não prevê grandes mudanças, considerando remota a perspectiva de os militares voltarem a assumir um papel preponderante na vida política.

Embora o Departamento de Estado aguarde resultados oficiais para fazer um comentário formal, alguns dos seus funcionários adiantavam ontem que a

ausência de violência ou fraude e a participação de um grande número de eleitores são vistas, pela Casa Branca, como "um passo bastante animador da nova democracia brasileira". As versões de que haveria um certo mal-estar nos quartéis, devido ao considerável avanço da esquerda, não são compartilhadas por Washington:

— O que vemos são os militares brasileiros se voltando cada vez mais para o seu papel, ou seja, dedicando-se a assuntos militares. Eles se preocupam com sua própria modernização, e isto está fazendo com que o Departamento de Defesa dos Estados Unidos trate de reviver e melhorar as excelentes relações que tinha com os brasileiros no passado. Isto explica, por exemplo, a atual visita do Secretário Frank Carlucci ao Brasil — disse ao GLOBO um funcionário da Administração Reagan.

A derrota do Governo nas eleições municipais ganhou espaço em todos os noticiários das três

grandes redes nacionais de televisão, e também nos principais jornais dos Estados Unidos.

Para o "Wall Street Journal", dirigido ao mercado financeiro, "o Brasil enfrentará um ano de profunda incerteza política". Em longo artigo de seu correspondente, atribui a Lula e Brizola a condição, a partir de agora, de sérios candidatos à Presidência da República. Afirma já existirem sinais de que, em consequência, o Governo, no ano que vem, poderá tentar endurecer as negociações com os bancos privados para reescalonar a dívida externa. "O dilema que o Governo enfrenta agora — diz — é que os problemas econômicos exigem uma nova dose de austeridade, enquanto a maioria dos brasileiros, como mostraram pelo voto, acha já ter sofrido o suficiente".

O "Washington Post" identifica, na edição de ontem, dois nítidos perdedores: "O sitiado Presidente (Sarney) é um dos perdedores: sua credibilidade foi

Chávez
sacudida pela inabilidade para unir o País, quando a economia caminha para uma hiperinflação e as greves se espalham. Outro perdedor foi o parlamentar e aspirante à Presidência Ulysses Guimarães, símbolo da resistência aos militares".

O PMDB, segundo o jornal, parece destinado a ser banido para as pequenas cidades: "A curto prazo, o fortalecimento do PT poderá demolir as recentes tentativas do Governo de construir um já frágil pacto social entre trabalhadores, empresários e políticos", conclui o texto, ilustrado por uma grande foto de Mário Alencar (PDT) comemorando a vitória no Rio de Janeiro.

O "New York Times" interpreta o resultado das eleições como um protesto contra a inflação com reflexos na disputa pela Presidência da República: "Os resultados transformaram Luís Inácio Lula da Silva e Leonel Brizola nos mais fortes candidatos à eleição presidencial".